

Indústria apostava na redução dos juros

Acordo abre espaço para política monetária menos austera, segundo empresários

MÁRCIA DE CHIARA

Empresários da indústria acreditam que o novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) possa abrir caminho para a redução da taxa de juros básica, hoje em 18% ao ano, já nas próximas semanas. Em reunião do Conselho Superior de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) realizada ontem, a opinião consensual dos empresários foi de que o acordo com o FMI adiou os problemas mais profundos da economia brasileira, mas trouxe uma sensação de alívio ao setor produtivo.

"Achamos que é possível uma redução dos juros antes das eleições", disse o presidente do Conselho Superior de Economia da Fiesp e presidente do Conselho de Administração da Companhia Suzano de Papel e Celulose, Bóris Tabacof. Na sua avaliação, a principal razão para a manutenção da taxa de juros em níveis elevados tem sido a pressão inflacionária advinda desvalorização do real em relação ao dólar. Com o acordo, o dólar volta para níveis mais realistas e a pressão inflacionária é revertida.

Tabacof ponderou também, que pelos termos de novo acordo, nota-se que houve uma mudança na postura dos organismos multilaterais e do Tesouro dos Estados Unidos que já não acham mais que o socorro a países emergentes deva ser por meio de políticas austeras que asfixiem o ritmo de atividade. A expectativa do empresário é de o crédito, especialmente para exportação, volte a fluir na economia com rapidez

EFEITO DO ACORDO NAS EMPRESAS

Expectativas dos empresários para as próximas semanas



Indústria

- Retomada das linhas de crédito à exportação
- Normalização da cotação do dólar, que chegou a travar negócios
- Queda na taxa de juros básica (Selic) na próxima reunião do Copom
- Aumento na oferta de crédito



Comércio

- Aumento da confiança do consumidor para voltar às compras
- Reversão no comportamento das vendas no varejo, que caíram pela metade
- Estabilização do valor do dólar num nível mais realista
- Retomada das encomendas, sem pressão por reajustes abusivos

ArtEstado

garantindo uma relativa estabilidade da produção para os próximos meses. "Mas previsão não é de aumentos significativos na atividade", disse.

O diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Gomes de Almeida, disse que seria recomendável que o governo reduzisse os juros na próxima reunião do Copom. Desta forma, não seria interrompida a trajetória de queda e, com isso, se caminharia mais rapidamente para a recuperação no ritmo de produção e vendas das indústrias.

Almeida observou que o primeiro setor a puxar a retomada nesta fase pós-acordo deverá ser o exportador, se os financiamentos para vendas ao exterior voltarem a fluir rapidamente. "Estamos muito otimistas. A produção de papel e celulose até o fim deste ano deverá crescer 5% e até

o fim de 2003 o acréscimo será de 20%, com produtos voltados para exportação e contratos já fechados no exterior", disse o presidente da Associação Brasileira de Celulose e Papel e presidente da Ripasa, Osmar Elias Zogbi.

Depois do setor exportador, os bens duráveis, como os eletroeletrônicos entre outros, estarão na fila para impulsivar a recuperação da atividade a médio prazo, avaliou o diretor do Iedi. "Com o acordo, acendeu uma luz para os bens duráveis", disse Almeida. Para Paulo Saab, presidente da Eletros, associação que reúne os fabricantes de eletroeletrônicos, porém, a expectativa de corte na produção ainda está mantida, mas o reajuste de 30% nos preços que foi aventureiro há algumas semanas deverá ser reavaliado, levando-se em conta o impacto efetivo do dólar nos custos das empresas. Muitas importaram com dólar alto.

EXPORTAÇÃO DEVERÁ PUXAR A RETOMADA